

RESENHA

BARBOSA, Luís Marques¹. *Ensaio sobre o desenvolvimento humano: de uma teoria emergente da prática ao mundo como implicação*. Lisboa: Piaget, 2002.

Por Prof. Dr. Potiguara Acácio Pereira
papereira@superig.com.br

Resumo: antecedendo à própria Introdução do livro, Barbosa apresenta epígrafe própria, que mostra claramente porque veio: *para construir uma teoria da prática, a partir de atos e fatos vividos*.

E o faz magistralmente por uma argumentação filosófica consistente, principalmente, porque o momento em que vivemos aponta para problemas que a Filosofia há de pensar e assumir.

Pensou, *in limine*, escrever um livro para aqueles com os quais repartia as diversas situações de aprendizagem — a ação educativa é, para o autor, ato social, dirigido ao cidadão. O texto assumiria, então, uma arquitetura teórica, de natureza filosófica e de índole prática. Nele, o tema do desenvolvimento — tido como central — exporia os princípios norteadores, concebidos a partir da forma como o autor, enquanto pesquisador, analista de práticas de ação, intuiria as maneiras como o ser humano vive as situações mais complexas da sua existência. E, também, permitiria, ao leitor, entender de que maneira concebe, na atividade de caracterização do real, o êmbolo que permite fazer emergir a dimensão teórica do saber.

Contudo, partilhar ideias com um público maior causou preocupação. Porque afirmar a existência de uma teoria emergente da prática não é atitude comum. Ter contato com um pensamento filosófico, explicitamente orientado para a compreensão do desenvolvimento, é ainda algo que só agora é colocado em prática. Além disso, o livro não é uma mera construção teórica, *a priori*, que se projeta sobre uma prática. É uma sequência de conteúdos anteriores, principalmente, encontrados em *Da Análise dos Contextos Educativos e da Criança enquanto Objeto de Estudo à Escola Sensível e Transformacionista*, quando procurou desvelar como o Homem utiliza a pesquisa para conseguir organizar situações práticas, no âmbito das quais pode estabelecer relação adequada entre a Educação, a Formação e a Cultura.

Assim, procurou, na primeira obra, dar conta de como os contextos, nos quais o Homem cria as diversas situações da vida, são os cenários de fundo, onde o seu desenvolvimento se cumpre. E, mais, como este mesmo desenvolvimento se manifesta, a fim de permitir ao indivíduo que, construindo ações significativas, se aproprie paulatinamente do mundo.

Debate-se, então, com a organização semântica dos textos, para que, como que, numa arqueologia de fatos, é possível explicitar que são estes que marcam não só o envolvimento do Homem nas práticas de ação, mas, também, determinam o pensamento com o qual o indivíduo marca o estar no mundo.

¹ Credenciais do autor da obra: licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras, na Universidade Clássica de Lisboa, e em Ciências da Educação, pela Universidade de Caen (França). É Mestre em Psicologia e Ciências da Educação e Doutor em Letras e Ciências Humanas/Ciências da Educação, pela mesma universidade. É professor associado de nomeação definitiva na Universidade de Évora (Portugal).

Caracterizou, então, o início da escrita pelo exercício de tentar recordar tempos passados em que, ainda aluno dos primeiros anos de licenciatura em Filosofia, deixava vaguear o espírito, para que a Arqueologia de seu próprio desenvolvimento permitisse vislumbrar como esse trajeto se inscreveu numa dimensão natural do estar do Homem no Mundo. Voltou, assim, a pôr em prática esse exercício, a fim de perscrutar, por meio do leque de acontecimentos que pontilharam sua vida, qual, ou quais, os que mais significativamente vêm determinando os atuais modos de estar.

O exercício que se propôs fazer busca acontecimentos vividos, em 1994, ano em que, na Universidade de Caen, se doutorou em Ciências da Educação; em 1998, ano em que, na Universidade de Évora, se tornou especialista em Análise dos Contextos Educativos; e, em 2001, ano em que assumiu a disciplina Filosofia do Desenvolvimento.

Quando de seu doutoramento, no decurso das análises das práticas de ação de professores e formadores diversos, defendeu três ideias: a **primeira**, de que a representação do real é a forma, segundo a qual o Homem arquiteta os seus modos de estar no mundo; a **segunda**, de que a *caracterização* desse mesmo real é a técnica mais eficaz, segundo a qual a atitude de pesquisa se atualiza nos seres humanos; e, por fim, a **terceira**, de que a prática da caracterização permite a emergência de uma *Teleologia* que se afirma teoria da própria prática.

A partir delas, verificou que o saber científico condiciona e é condicionado pelo desenvolvimento humano. Daí a proposição de que a imaginação seja entendida como motor do saber científico. E, mais, que a intuição seja pensada como alavanca fundamental desse saber, e que a razão não seja concebida como a capacidade da qual tal arquitetura depende; que esta capacidade seja pensada como trava do pensar dirigido; que se passe a considerar que as capacidades anteriores funcionem em regime de complementaridade com todas as outras, e que, por via deste novo entendimento, se aceite que os conceitos não são estruturas conceituais de elevado teor de verdade, mas universos de entendimento reduzido.

Em Évora, formulou a hipótese de que, se o desenvolvimento humano se cumpre por atualização permanente de mundividências, e se os conceitos não são o universo mais rico do saber, sobretudo, de saber científico, o Homem se move por compreensão progressiva do Mundo. E não apenas porque o saber prático o norteia, mas porque dele se consegue fazer emergir uma Teleologia rica de indicadores referenciais, que se assumem teoria da própria prática, mas de natureza conceitualizada.

Recentemente, admite que a teoria emergente da prática se dá sempre que o Homem se espelha com o real e transforma informações que permaneciam latentes, mas sem serem explicitadas, em ocorrências determinantes de ações práticas. Está convencido, pois, de que a sequência dos fatos satisfaz justamente a logicidade com que pensa a emergência teórica a partir da prática.

Entende, pois, o desenvolvimento humano como processo evolutivo. Nele, as sucessivas aquisições vão se agrupando e não é surpresa que, para explicar suas convicções, retome o feito em 1994 e reflita sobre a relação entre três variáveis — espaço, tempo e causa. Por este caminho, afirma que esse destrinchar pode ser apenas um arranjo intelectual do Homem, uma vez que tudo no Universo acontece num único ponto e em regime de simultaneidade. Reflete também sobre a problemática do Homem, que tem, ao mesmo tempo, de pensar em si mesmo e no mundo. E acata que o desenvolvimento humano se cumpre por meio de um processo de tomada de posse desse mundo, que tenta sistematicamente passar os objetos que o rodeiam a objetos / objetivados, ou seja, estruturas nas quais se incorporam objetivos a cumprir. Por fim, concluiu que a diferença entre passado, presente e futuro é outra arquitetura intelectual, uma vez que o dar-se ao Universo acontece sempre no presente.

É preciso dizer, ainda, que o esforço de reflexão do autor vai, ainda, no sentido de deixar expresso que analisar a problemática do desenvolvimento humano, quando este ocorre em organizações, implica análise dessas organizações. Nelas, o próprio autor tem analisado como o Homem organiza a relação humana e como, para isso, se dedica à estruturação da relação de apego, tão típica da primeira infância. De que maneira pensa e age, em função de determinantes educativas que, tanto marcam as primeiras aprendizagens, como as associa às aquisições de natureza pedagógica e, por via destes percursos, liga as estruturas cognitivas aos afetos com que intui o mundo.

Para Barbosa, duas ideias constituem travas-mestras de nosso pensamento: a de que o Homem intui o Mundo, porque, ao ter vontade e intencionalidade de assim fazer, encontra significado para a sua existência e a de que, ao fazê-lo, se socorre de uma prática em que a caracterização faz aparecer uma dimensão teleológica, que se assume teoria da própria prática da ação.

Assim, ao falar sobre a relação entre conhecimento filosófico, científico e religioso, lança a ideia de que a atividade humana é uma constante *Reinterpretação* do Mundo ou da realidade.

Nesse sentido, tanto a interpretação como a *Reinterpretação* são fatores da aglutinação teleológica, segundo a qual cada ser humano busca pelo sentido da vida, e que a pesquisa, enquanto capacidade de procura permanente pela ação adequada, afirma-se como estratégia fundamental de aquisição da sabedoria.

Para o autor, estar no mundo implica não só sair permanente da natureza humana, para ir ao encontro daquilo que a cerca, como assimilar e interiorizar as características dessa exterioridade. Não parece, pois, difícil aceitar que o envolvimento do homem em cada momento do existir é não só total como global.

O “estar aqui” e o “ser no agora” são, pois, momentos únicos onde existe o que de físico se manifesta; o que de psíquico se organiza; o que de biológico pré-existe; o que de religioso se instala; o que de expressivo se constrói; o que de comunicativo se determina; e o que de emocional se manifesta. Dito de outro modo, a forma, segundo a qual a sabedoria se alicerça e a maneira com a qual o Homem se instala na vida, não pode excluir nem a dimensão social deste estar permanente nem as condições lógicas e psicológicas, segundo as quais toda interação se realiza.

A *Reinterpretação* é o modo de estar no Mundo, que permite ao Homem um discurso transversal, que perpassa o religioso e o científico. O que vale também para os modos de pensar filosófico e psicológico, independentemente de, ao longo dos tempos, terem sido dadas diferentes interpretações às palavras e de terem sido produzidos juízos contraditórios, que permitiram o aparecimento de sistemas filosóficos e psicológicos, muitas vezes, antagônicos.

Mas não importam estas contradições e estes antagonismos, uma vez que, aceitando não ser lícito a nenhum homem expulsar do Universo seja que pensamento alheio for, a nossa egoexistência vai-se instalando como cunha que, desvalorizando a teorização de caráter geral, enquanto única forma de organizar o Universo, valoriza cada vez mais o emergente, não previamente programado, como fator concorrente para a organização global do Mundo.

Para Barbosa, três fatores concorrem para que o Homem aja sem precisar esperar pela teoria racionalmente organizada: 1) quando uma necessidade de caracterizar o Mundo aparece como instrumento motivacional; 2) quando no interior do pensamento aparece uma esquematização configuradora que permita ao Homem atuar sem ter necessidade que os conceitos se apresentem na sua forma derradeira, possibilitando a ele agir sem risco de errar; 3) quando no cérebro se organiza um sistema interativo capaz de permitir a reorganização do Mundo, quer para se apoderar de objetos concretos, quer para definir sucessivos objetivos para as suas ações.

Tudo o que foi dito até aqui reflete a forma como o autor entende a existência humana.

Para ele, ainda, este tipo de teoria emerge da necessidade de apropriação do Mundo e, por isso, dá conta de como esta emergência se realiza no respeito pela relação entre a interioridade que somos e a exterioridade que nos determina.

Nesse sentido, o Homem está no Mundo para cumprir determinadas finalidades. Por isso, é sua função construir as diversas linguagens com as quais se vai apropriando desse mesmo Universo.

O ponto de partida é, ainda, o Homem e, por isso, o apelar à experiência. Para tanto, aproveita cada momento da análise para tentar mergulhar mais fundo no interior da relação que se mantém com o Universo que nos rodeia e que se interioriza enquanto ser no Mundo.

De tudo, outra hipótese: *se todos os homens são construtores de teoria, se o Homem é um animal de experiências e se a atitude de pesquisa lhe permite determinar o sentido das suas ações, então deve existir uma teoria da prática que brote dos atos e dos fatos que estão por se viver.*

Propositadamente, não fiz menção, de modo particular, a nenhuma das discussões pontuais, mas não estanques, levadas a efeito pelo autor, por motivo único e exclusivo de não possuir espaço para isso. Mas uma questão importante se me apresenta, sem *animus rem sibi habendi*: se as pedagogias contemporâneas são pedagogias do sujeito, por que o autor, num trabalho de fôlego, como o qual nos brinda, se refere indiscriminadamente a homem, indivíduo, sujeito?